

EXEMPLO DE DISCURSO REFLEXIVO EM MACHADO DE ASSIS: O
LÚDICO LÚCIDO (1)

“; era o criador de um mundo paradoxal, o experimentador,
o desolado cronista do absurdo.”

(p. 21 “Esquema de Machado de Assis” in *Vários Escritos* —
Antonio Candido).

Como em — quase — tôda produção considerada de grande valor, independentemente, ou, apesar do tempo e lugar em que foi feita, é muito mais agradável e fácil o seu consumo, descompromissado, do que o seu estudo sistematizador, a sua inteligência.

Para dizer a verdade, é o que Machado de Assis me provoca.

Uma emoção meio-térmo, que fica entre a pretensão compreensiva conferida pelo consumo apaixonado, e uma certa impotência analítica (demonstração totalizadora, de algo que é reconhecido como um total ao nível-criador), diante de algo tão agradável, ‘inteiro’, significativo.

Enfim, como o que deve nos ocupar aqui é a sua permanência-imanente — espécie de historicidade — provocante — (2), vamos lá.

- (1) *A modernidade de um Presidente da Academia Brasileira de Letras: o primeiro.*

Machado: o aparentemente convencional extremamente moderno.

Esquema de historicidade contido em “O Espelho-Uma nova teoria da alma humana” in Papéis Avulsos (1877-1882) vol. 2, p. 345/352 (Machado de Assis — Obra Completa 3 vols. — Ed. J. Aguilar Ltda, 1962 Rio). “O Espelho” (Machado de Assis): o indivíduo dividido: um corpo uma farda. Melhor, um corpofarda, uma fardacorpo.

Dialética visível/invisível.

Tensão ser/não ser.

... “tem-se o direito de falar (a seu respeito) de uma verdadeira categoria psicológica, a categoria do duplo, que pressupõe uma organização mental diferente da nossa. O duplo é uma coisa bem diferente da imagem. Não é um objeto “natural”, mas não é também um produto mental: nem uma imitação de um objeto real, nem uma ilusão do espírito, nem uma criação do pensamento. O duplo é uma realidade exterior ao sujeito, mas que, em sua própria aparência opõe-se pelo seu caráter insólito aos objetos familiares, ao cenário comum da vida”.

p. 268 “A Categoria Psicológica do Duplo” in *Mito e Pensamento entre os Gregos* — J. P. Vernant DIFEL, Edusp, S. Paulo, 1973.

- (2) *Historicidade: um conceito, que implica no reconhecimento da “imortalidade”, na permanência de algo, como resultante (devida à) da destruição criadora. Melhor, pela sua transformação: a permanência do transitório. O que obriga a reconhecer o teor dialético do conceito. A*

Do que temos de partir, objetivamente, é da constatação de que Machado está aí: — consumido e estudado na sua literalidade,
— adaptado para outras artes: cinema, teatro,
— traduzido.

E, não é de agora: situa-se historicamente no final do século XIX e começo do XX. Daí ser possível falar em modernidade não-cronológica, em originalidade, em modernidade lógica de Machado de Assis.

Continuo a mesma senda que me ocupou — e a outros colegas — numa abordagem do próprio Machado de Assis, nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Só que, agora, a diferença é o texto/objeto que vai me ocupar: “O Espelho”, conto de *Papéis Avulsos* (1877-1882). Acrescida de (ou restringida a) um enfoque específico: o estudo da modernidade, dos aspectos renovadores, não mais estudados ao nível de todo o sistema narrativo; limitamo-nos a êsses aspectos no nível de um dêles, do teor reflexivo que enforma — também — o sistema narrativo machadiano.

O texto “O Espelho” é um objeto que contém abundante matéria para testar a sua significativa permanência, o seu valor, inda que através dum exercício demonstrativo. Como o que se segue: limitado à modernidade expressa num texto de implicação reflexiva.

O exercício ganharia maior pêso, melhor, reconheceria mais evidentemente, demonstrando sua modernidade com maior eficácia, se comparado com, também “O Espelho”, de Guimarães Rosa (in *Primeiras Estórias* — 1962); outra estória, de outra época, implicando entretanto problemática análoga.

Mas, exercícios, fases; comecemos com uma primeira, só com Machado.

Depara-se n^o “O Espelho”, com um objeto literário logicamente moderno, através de um problema cronologicamente dos mais antigos; de um problema humano, temporal e espacial. Trata-se da identidade. Aliás, um dos tópicos da temática literária no nosso século.

Só que, não nos é permitido concluir pela constatação de que Machado é moderno porque produz “à século XX” em certos pontos, no final do XIX. Como um precursor.

A temática não é prerrogativa do século. Ela é do homem de sempre. O que é justificado pelo seu teor reflexivo.

E Machado não pode, porisso, ser confundido com um filósofo. É só, mas complexo, ficcionista. Um ficcionista especial. Específico. Um contador

duplicidade — inda que não exacerbada — é uma realidade da prática. O seu reconhecimento, necessário. “Os fatos explicarão melhor os sentimentos; os fatos são tudo (grifo meu). A melhor definição do amor vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa”. (Machado de Assis — “O Espelho” p. 348).

de estórias, que é definido por Antonio Candido como “enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias “que todos podiam ler” (3) “A sua atualidade vem do encanto quase intemporal do seu estilo e dêsse universo oculto que sugere os abismos preados pela literatura do séc. XX.” (4).

Entretanto, o teor reflexivo de sua produção não é novidade — existem — trabalhos específicos sôbre a “filosofia machadiana” — como também não, o poderem e exigirem ser estudados sociológica, psicológica, biogrâficamente...

Com relação ao aspecto reflexivo de seu discurso existem denominações que o tornam evidência, como: “Teoria do Medalhão-Diálogo” (in *Papéis Avulsos*); “Identidade” (in *Outros Contos*); IV — Uma teoria nova (parte d’*Alienista*”, in *Papéis Avulsos*); *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; Para nos limitarmos ao óbvio, contido no próprio batismo. Apesar de, praticamente, tôda a produção machadiana ser passível, e mesmo, exigir a abordagem. (grifos meus).

Existem ainda, personagens que assumem a representação dêsse aspecto, como o Brás Cubas por exemplo, teórico de um sistema filosófico, o “humanitismo”.

Quando não é o próprio narrador — o que é mais comum — que, metalinguisticamente, “filosofa”, truncando a linguagem da narrativa: “Os dois companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tú não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquêlo pomo da mitologia”. (5). Ou quando a suspende por completo, — “Perplexidades não resolvidas” como diz Antonio Candido — liquidando-a em termos de continuidade: “Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas”. (6) (7).

Apesar das informações indefinidoras (“Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, ”... (8), suspensivas, num espaço ambiguo (“A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de cousas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo”. (8), êle — o texto — se realiza. Faz-se um ontos.

(3) Antonio Candido — *idem ib.* p. 17.

(4) Antonio Candido — *idem ib.* p. 18.

(5) Machado de Assis — *op. cit.* p. 347.

(6) Machado de Assis — *op. cit.* p. 352.

(7) “êle cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervinho na narrativa com bisbilhotice saborosa, lembrando ao leitor que detrás dela estava a sua voz convencional”. p. 22 — *op. cit.*

(8) “O Espelho” — *op. cit.*, p. 345

Apesar da grande carga paradoxal que o enforma. Por exemplo, o personagem narrador (Jacobina) era pobre, mas goza das honrarias conferidas a um possuidor da patente de alferes da guarda nacional. Tratamento que, ao invés de desencadear a “curtição” das honrarias recebidas, desencadeia um processo psicológico de compensação, o da personalidade dúplice (9), caso patológico de identidade; expresso na narrativa em termos de silêncio/ruído, presença/ausências, ser/não ser, ser/objeto, natureza/criação, num processo dialético de coisificação/humanização.

É curioso aproximar dessa duplicidade, a existência do mesmo processo em outros níveis; porque têm uma ligação, maior ou menor, com o texto:

- o duplo-linguagem, material com que é formalizado o objeto em questão.” Pues la lengua es en ella misma algo doble”. (10).
- o duplo-objeto literário, que é construído (a) respaldado pela realidade, através do ato da mimese do mais diverso tipo, redundando na representação; e (b) representação que constitui-se numa outra realidade, num outro ser, através da construção com um tipo *x* de material. A linguagem, no objeto literatura. Material que se aproxima, e se gruda com a matéria representada, porque, como ela, é uma criação social.
- o duplo-autor, de origem humilde, tornado oficialmente o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras; e, enquanto valor, talvez o maior criador desta literatura.
- duplicidade ainda em vários outros níveis do texto, por exemplo, o do natural (emoção) superando a construção artificial: o sobrinho-alferes é supervalorizado pela tia Marcolina. Mas, “Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fôsse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fôsse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa”. (11).
- o duplo-objeto: enquanto denominação e motivo da narração:
o espelho: (reflexo/realidade).
(irrealidade/realidade=ficção).

(9) duplo: etimologicamente, “psyché” (psiquê): fumaça, sonho, sombra.
(10) Theodor Adorno — “Discurso sobre lírica y sociedad” p. 60 in *Notas de Literatura* — Ariel Ed., Barcelona, 1962 134 p.
(11) Machado de Assis — *op. cit.*, p. 348

- o duplo-sujeito: a noção de identidade provoca a determinação de uma componente da realidade: o comportamento. E essa noção se funda de maneira não exclusivamente interior. (12) Ela necessita de um estribo exterior para existir, para ser. Daí a possibilidade de um desdobramento de personalidade — corpo/sombra — quando do desdobramento de uma de suas componentes. Com relação ao valor do problema ao nível de sua realização, Machado não se pronuncia, ficcionista que é. Como Borges, vai até às “inquisiciones”. A resolução não é função do ser ficcional que é fiel à sua natureza. E, através dessa atitude, “O Espelho” escapa da pretensão filosófica. Não é um conto moral. Na desintegração da personalidade, produção da duplicidade, não levanta questões. O alferes é um ser com personalidade própria? Ou, é uma farda? Porque, a dilaceração da personalidade acaba implicando na da figura: na medida em que Jacobina “não se encontra”, “está perdido”, precisa do ‘outro — inda que êsse “outro” seja êle próprio, de farda, refletido no espelho — para readquirir uma inteireza, um equilíbrio, o reconhecimento da duplicidade ao nível psicológico está instaurado. Pelo relativismo do ser. O homem como objeto de si próprio. Não só a arte (a ficção em geral, a mimese) é uma produção, um objeto convencional — logo, a escritura —, assim como o próprio homem — definido ser, natural, racional — é um objeto de si próprio; enquanto farda, por exemplo. E Machado é mestre para produzir situações do gênero, lucidamente, através do ludismo conferido pelo ficcional. Essa transformação do sujeito em coisa, objeto, que Antonio Candido define — ao nível do próprio Machado — como “a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual”. (13).

O paradoxal se impõe ainda pelo estilo “boa linguagem” com que é realizado o texto, e, o pessimismo, o fragmentarismo, a não-resolução, a ambiguidade, a estranheza da situação, que o permeiam; além da duplicidade, que o determina. Pode-se aqui, inda que de passagem, aproximar a produção machadiana, dos contemporâneos Jorge Luís Borges e João Guimarães Rosa. Sendo que o primeiro se aproxima mais de Machado, porque produz textos de um insólito marcante através de linguagem de estruturação acadêmica. Guimarães Rosa aproxima-se também, mas, pelo processo contrário: conta muita estória sem maior estranheza, mas através de uma desintegração — não-negativa — dos padrões linguísticos do português; criando realmente um objeto de linguagem, através da destruição das normas de seu material — a linguagem —,

(12) Porque, a constatação do duplo é uma realidade. Positiva, enquanto equilíbrio.

(13) Antonio Candido — *op. cit.*, p. 28.

criando outras. Tornando real, um possível. *Uma* de suas virtualidades. Que se afirma, ao nível da comunicação por exemplo, enquanto produção não-arbitrária. Consumível.

“O Espelho” é um balanço: uma desintegração da personalidade, provocada por uma distorção valorativa: a patente vale mais do que o seu possuidor. Merecedor? A patente como afirmação da personalidade. Tanto é que, vestida a farda, o alferes ganha forma, vendo-se reproduzido no espelho: porque, olha-se no espelho e não se vê com nitidez. Mas, “Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contôrno diverso; era eu mesmo, à alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida ao espelho”. (14).

Coisificação que mata a escolha, a ação: “O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade”. Que se realiza, é compensada, dormindo. “O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra...” “Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam de alferes; vinha um outro amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. (15) Na necessidade do reflexo, quando a figura se esvai, dorme (sonha), fala alto, sendo produtor e receptor de realidade, no seu lado sonoro. Só, sente-se tão verso sem reverso, que, diante do espelho, não se vê. Tratado de maneira diversa da comum, ser de exceção, assume o tratamento, introjando-o ao nível pessoal: “Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcelina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples”... (16), “era a melhor peça da casa. O certo é que todas essas cousas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou”. (17).

Coisificação pela alteração da percepção espacio-temporal da realidade, impedindo aguentar o duplo, sozinho, produzindo uma redução limitadora da integridade do ser.

No enredado do objeto constatamos a extrema consciência da produção, da invenção do objeto literário — em Machado de Assis —, que não o con-

(14) Machado de Assis — *op. cit.*, p. 351/2.

(15) Machado de Assis — *op. cit.*, p. 350.

(16) Machado de Assis — *op. cit.*, p. 347.

(17) Machado de Assis — *op. cit.*, p. 348.

funde, nem compete com a realidade, sabendo, numa época de realismo e naturalismo exacerbados, de maneira muito moderna, que o seu objeto é ficção. E, ou, assim, um tipo de realidade.

Lenira Marques Covizzi